

**A METÁFORA DO MONSTRO: UMA LEITURA DAS REPRESENTAÇÕES DOS MONSTROS
MORAIS VITORIANOS E DO NOSFERATU DE EGGERS**

**THE METAPHOR OF THE MONSTER: A READING OF THE REPRESENTATIONS OF VICTORIAN
MORAL MONSTERS AND EGGERS' NOSFERATU**

Saada Zouhair Daou¹

RESUMO: O objetivo geral deste trabalho é analisar o que Nosferatu de Eggers representa sobre os medos e desejos contemporâneos, partindo-se do pressuposto que os monstros surgidos na literatura do século XIX servem como metáforas para os nossos medos e desejos. Para tanto, utilizou-se o método exploratório, a abordagem qualitativa e o procedimento bibliográfico. Assim, inicialmente, analisou-se o surgimento dos monstros morais no período vitoriano e a sua correlação com o (des)controle das pulsões necessárias para a vida em civilização. Em sequência, abordou-se como a literatura de monstros do século XIX confirma a tese foucaultiana de que os vitorianos controlaram a sexualidade através de sua colocação constante no discurso. Em seguida, partindo-se do pressuposto que a metáfora do monstro torna consciente e aceitável aquilo que nós não conseguimos encarar, traçou-se paralelos a época vitoriana e o neoconservadorismo, bem como entre a obra de Eggers e os Dráculas/Nosferatus que o antecederam. O estudo permitiu observar como atualização dos nossos maiores medos e desejos está sendo representada e como lei continua impotente diante dos horrores que não conseguimos encarar.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora do monstro; Nosferatu; Discurso; Literatura vitoriana.

ABSTRACT: The general objective of this work is to analyze what Eggers' Nosferatu represents about contemporary fears and desires, starting from the assumption that the monsters that appear in nineteenth-century literature serve as metaphors for our fears and desires. To this end, the exploratory method, the qualitative approach and the bibliographic procedure were used. Thus, initially, the emergence of moral monsters in the Victorian period and their correlation with the (un)control of the drives necessary for life in civilization were analyzed. Next, it was addressed how the monster literature of the nineteenth century confirms the Foucaultian thesis that the Victorians controlled sexuality through its constant placement in the discourse. Then, starting from the assumption that the metaphor of the monster makes conscious and acceptable what we cannot face, parallels were drawn between the Victorian era and neoconservatism, as well as between the work of Eggers and the Draculas/Nosferatus that preceded him. The study allowed us to observe how the

¹ Doutora e mestre em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Especialista em Direito Penal e Processual Penal pela PUC-SP. Professora da Universidade da Amazônia (UNAMA), da Faculdade Estácio do Pará (FAP) e da Escola Superior Madre Celeste (ESMAC). Advogada Criminalista.

updating of our greatest fears and desires is being represented and how the law remains powerless in the face of the horrors that we cannot face.

KEYWORDS: Metaphor of the monster; Nosferatu; Speech; Victorian literature.

INTRODUÇÃO

Durante o século XIX, surgiram vários romances retratando criaturas monstruosas que se eternizaram na cultura ocidental, tais como *Frankenstein* (1818) de Mary Shelley, *Drácula* (1897) de Bram Stoker e *O médico e o monstro: O estranho caso de Dr. Jekyll e Sr. Hyde* (1886) de Robert Louis Stevenson. Acredita-se que os nascimentos dessas criaturas ocorreram no mesmo período porque elas foram utilizadas para representar medos e desejos muito presentes durante o período vitoriano.

Essas obras nunca foram esquecidas, recebendo diversas adaptações ao longo dos anos. Todavia, muitas dessas adaptações costumavam seguir linhas parecidas. Realizava-se muito mais uma adaptação dessas obras às novidades tecnológicas do que alterações decisivas no enredo.

Recentemente, contudo, essas obras parecem estar sendo novamente reimaginadas e decisivamente adaptadas. Retrato disso é que Guilherme Del Toro está trabalhando em uma adaptação de *Frankenstein* para a Netflix, ao passo que *Drácula*, disfarçado de *Nosferatu*², ganhou uma nova adaptação em 2024, por Robert Eggers. A adaptação de Eggers chama atenção por suas ousadias em relação ao original, atualizando a história e o que ela pode representar.

Nesse contexto, questiona-se: se os monstros servem como metáforas para os nossos medos e desejos, o que *Nosferatu* de Eggers representa sobre os medos e desejos contemporâneos?

² É consabido que *Nosferatu* é uma versão não autorizada de *Drácula*.

Para responder tal questionamento, utilizou-se o método exploratório, a abordagem qualitativa e o procedimento bibliográfico.

Estruturou-se esse trabalho em duas partes. A primeira, analisa o surgimento dos monstros morais no período vitoriano e as pulsões reprimidas que eles representavam, notadamente a partir leitura da literatura de monstro a partir das obras *História da Sexualidade 01 – A vontade de saber* de Michel Foucault e da obra *Mal-estar na civilização* de Sigmund Freud. Ainda neste tópico, abordou-se como, desde essa época, o controle das pulsões foi visto como essencial à manutenção da sexualidade normal, bem como o paradoxo da metáfora do monstro. Evidenciou-se ainda como a literatura de monstros do século XIX confirma a tese foucaultiana de que os vitorianos controlaram a sexualidade através de sua colocação constante no discurso.

Em seguida, partindo-se do pressuposto que a metáfora do monstro torna consciente e aceitável aquilo que nós não conseguimos encarar, traçou-se paralelos a época vitoriana e o neoconservadorismo, bem como entre a obra de Eggers e os Dráculas/Nosferatus que o antecederam, tendo como objetivo principal observar como a atualização dos nossos medos e desejos está sendo representada.

Justifica-se esta pesquisa na medida em que ela possibilita uma aproximação entre a linguagem literário-cinematográfica e a linguagem jurídica, por meio do Estudo da Sociedade na literatura, usando a obra ficcional como meio de compreender os medos e desejos da sociedade, bem como as respostas jurídicas que têm sido dadas a esses anseios.

MONSTROS MORAIS VITORIANOS E PULSÕES REPRIMIDAS

Frankenstein (1818) de Mary Shelley, *Drácula* (1897) de Bram Stoker e *O médico e o monstro: O estranho caso de Dr. Jekyll e Sr. Hyde* (1886) de Robert Louis Stevenson são três dos grandes e mais famosos romances sobre figuras monstruosas da literatura ocidental. Todos foram escritos ao longo do século XIX, pouco tempo antes ou durante a Época Vitoriana.

A fascinação da literatura do século XIX com os monstros pode ser encarada como representação de inúmeros medos e/ou desejos presentes nesta época. Nesse embalo, de acordo com Briefel (2007, p. 510 – 511):

Monsters are most prolific at the end of the nineteenth century, when they come to embody fears (and, in some cases, desires) specific to this tumultuous period: Darwinism, imperialism, degeneration, non-normative sexualities, and the rise of the New Woman. These creatures may reflect fin-de-siècle conflicts associated with racial, biological, or gendered identities in their blurring of the line between the human and the nonhuman. Kelly Hurley introduces the term “abhuman” – drawn from Julia Kristeva’s psychoanalytic definition of the “abject” as a disruptive eradication of boundaries – to describe the protean bodies found in texts such as *The Beetle* and *The Island of Doctor Moreau*. Although critics offer diverging views on the exact relationship between monsters and their literary and social cultures, they by and large concur that terror is solidly embodied by the fin de siècle. While my description of the particularities of the Victorian gothic is not meant to be exhaustive, it hopefully sets the stage for a discussion of the critical debates that proliferate around the genre. (...) A major trend has been to read gothic monsters metaphorically, as fantastic displacements for “actual” psychological, scientific, or sociopolitical traumas that might not be explored directly.³

Os monstros, evidentemente, são muito mais do que apenas criaturas de aparência disforme. Na realidade, a aparência externa que possuem serve apenas como retrato do horror que habita suas “almas”. Não obstante, os monstros vitorianos se parecem com os

³ Em tradução livre: “Os monstros são mais prolíficos no final do século XIX, quando passam a incorporar medos (e, em alguns casos, desejos) específicos desse período tumultuado: darwinismo, imperialismo, degeneração, sexualidades não normativas e a ascensão da Nova Mulher. Essas criaturas podem refletir conflitos fin-de-siècle associados a identidades raciais, biológicas ou de gênero em sua indefinição da linha entre o humano e o não humano. Kelly Hurley introduz o termo “abumano” - extraído da definição psicanalítica de Julia Kristeva do “abjeto” como uma erradicação disruptiva de fronteiras - para descrever os corpos multiformes encontrados em textos como *O Besouro* e *A Ilha do Doutor Moreau*. Embora os críticos ofereçam visões divergentes sobre a relação exata entre os monstros e suas culturas literárias e sociais, eles em geral concordam que o terror é solidamente incorporado pelo fin de siècle. Embora minha descrição das particularidades do gótico vitoriano não pretenda ser exaustiva, espero que prepare o terreno para uma discussão dos debates críticos que proliferam em torno do gênero. (...) Uma grande tendência tem sido ler monstros góticos metaforicamente, como deslocamentos fantásticos para traumas psicológicos, científicos ou sociopolíticos “reais” que podem não ser explorados diretamente.”

humanos, têm a forma humana. Aliás, o Conde Drácula chega até mesmo a se passar por um homem comum, só eventualmente transmudando para sua forma monstruosa.

Desta forma, observa-se que esses monstros vitorianos não são apenas criaturas visualmente abjetas, mas são “monstros morais”. (Foucault, 2010, p. 48 - 50) São violações às leis da natureza não apenas em sua aparência, mas especialmente em seu comportamento, uma vez que não conseguem (ou não querem) se submeter aos comandos civilizacionais que ordenam o controle das pulsões de eros ou de thanatos.

De acordo com Freud, viver em sociedade/civilização implica controlar nossas pulsões de morte (thanatos), as quais nos levam à destruição/aniquilamento, bem como ao controle das nossas pulsões de vida (eros), que nos levam à satisfação irresponsável nossos prazeres, assim como a garantir nossa sobrevivência e perpetuação a todo custo. Ocorre que, esse controle do nosso lado mais animalesco gera um mal-estar, o mal-estar da civilização. (Freud, 2011)

Aceitamos o mal-estar da civilização em nome dos benefícios que viver em sociedade nos traz, exigindo que nossos concidadãos façam o mesmo. Neste ponto, inevitável lembrar das teorias do contrato social, especialmente da hobbesiana (2015), que indica que aceitamos um mal para nos livrarmos de outro mal maior. Desta forma, reprimimos nossas pulsões e aceitamos conviver com um permanente mal-estar em troca que os outros façam o mesmo, sabendo que poderíamos ser reféns das pulsões alheias, do que temos pavor. O paradoxo evidente é que também convivemos com o desejo permanente e reprimido de fazer dos outros reféns das nossas próprias pulsões.

Os monstros, a seu turno, não reprimem tais pulsões. O Conde Drácula seduz Lucy e persegue a mulher que é objeto do seu desejo, inclusive tripudiando do seu marido, a qual não concede sequer uma disputa justa pela mulher amada (Stoker, 2018). A criatura de Frankenstein, ao se ver sucessivamente rejeitada, assassina conscientemente pessoas inocentes que são caras ao seu criador (Shelley, 2020). Dr. Jekyll acredita poder controlar a

sua transformação em “monstro”, já que só se transforma ao tomar uma poção, mas acaba sem controle da própria monstruosidade. (Stenvenson, 2024).

Nesse contexto, é evidente que a monstruosidade descontrolada suscita o medo do que os monstros podem fazer conosco. Por outro lado, ela também nos faz encarar a possibilidade de cedermos às nossas pulsões, de cedermos ao que há de monstruoso e escondido em nós, o que parece suscitar um medo ainda maior, afinal, é muito mais fácil fitar a monstruosidade no (e do) outro do que enfrentar a que reside em nós.

Outra semelhança entre as mencionadas obras literárias que merece destaque é o fato de que as três narrativas ocorrem, ainda que parcialmente, em cidades povoadas, isto é, em lugares próximos ao leitor, não em lugares em locais remotos e/ou distantes. Assim, “Whereas gothic events and characters in eighteenth-century novels were by and large confined to desolate places (an Italian castle, a Spanish monastery), Victorian horrors appear in “the world inhabited by the reader” (Briefel, 2007, p. 510). Ou seja, se durante muito tempo o medo era voltado ao que era distante, ao desconhecido, a literatura de monstros do século XIX representa aquilo que gera medo como algo muito próximo.

Assim, não parece coincidência que essas obras tenham surgido na Era Vitoriana, a partir da qual houve enorme proliferação de discursos sobre o sexo – não apenas para “assegurar o povoamento, reproduzir a força de trabalho, reproduzir a forma das relações sociais; em suma, proporcionar uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora” – mas também e especialmente para a criação de um modelo de normalidade, de “heterogeneidade sexual”, fora do qual tudo passou a ser categorizado como perversão, imoral, ilícito. (Foucault, 2014, p. 40 – 41). Houve uma normalização da sexualidade e de algo muito próximo a ela, a violência.

Ocorre que, a pudicícia vitoriana não foi contida ou silenciada. O sexo não foi reprimido através do silêncio, mas através da sua colocação em discurso. Muito se falou sobre sexo, precisamente para categorizá-lo como normal ou anormal, sendo que “Esta nova

caça às sexualidades periféricas provoca a incorporação das perversões e nova especificação dos indivíduos.” (Foucault, 2014, p. 47).

Neste contexto, os monstros representam uma ameaça à sexualidade normal. Sobre o tema, Franco Moretti (1997, p. 99) afirma que a principal ameaça proveniente de Drácula se situa no eros, “no retorno do que foi reprimido”:

A sociological analysis of Frankenstein and Dracula reveals that one of the institutions most threatened by the monsters is the family. Yet this fear cannot be explained wholly in historical and economic terms. On the contrary, it is very likely that its deepest root is to be found elsewhere: in the eros, above all in sex. 'Dracula', David Pirie has written, '... can be seen as the great submerged force of Victorian libido breaking out to punish the repressive society which had imprisoned it; one of the most appalling things that Dracula does to the matronly women of his Victorian enemies (in the novel as in the film) is to make them sensual. It is true.'⁴

Para corroborar sua afirmação, Moretti faz uma releitura do episódio de Lucy, personagem de Drácula que é seduzida pelo Conde e, de certa forma, punida com a morte, o que acontece por ela ser a única a mostrar algum tipo de desejo, sendo incapaz de sublimar as tentações da carne como os demais personagens (Moretti, 1997, p. 100). Ao não resistir aos seus desejos, Lucy se torna um monstro. Ao ceder à sedução do monstro, Lucy se torna ela mesma monstruosa. Essa leitura faz ressurgir o questionamento sobre a literatura de monstros ser, afinal, reacionária ou progressista, o que ainda parece impossível definir. Acrescentaríamos ainda que a Criatura de Frankenstein rompe definitivamente com o seu criador porque o criador se recusa a criar uma parceira com a qual a criatura possa se reproduzir, não há sequer a opção do pecado original para a criatura de Frankenstein.

⁴ Em tradução livre: “Uma análise sociológica de Frankenstein e Drácula revela que uma das instituições mais ameaçadas pelos monstros é a família. No entanto, esse medo não pode ser explicado totalmente em termos históricos e econômicos. Pelo contrário, é muito provável que sua raiz mais profunda seja encontrada em outro lugar: no eros, acima de tudo no sexo. 'Drácula', escreveu David Pirie, '... pode ser visto como a grande força submersa da libido vitoriana irrompendo para punir a sociedade repressiva que a aprisionou; uma das coisas mais atraentes que Drácula faz com as mulheres matronas de seus inimigos vitorianos (no romance como no filme) é torná-las sensuais. É verdade.”

Outrossim, é certo que os monstros retratam os limites que não podem ser ultrapassados, eles não são como indivíduos possuidoras de certas e/ou determinadas anomalias que precisam ser corrigidas, eles são a representação do extremo.

Sobre o “lugar” do monstro, Foucault (2010, p. 49) aduz que:

A primeira dessas figuras é a que chamarei de “monstro humano”. O contexto de referência do monstro humano é a lei, é claro. A noção de monstro é essencialmente uma noção jurídica – jurídica, claro, no sentido lato do termo, pois o que define o monstro é o fato de que ele constitui, em sua existência mesma e em sua forma, não apenas uma violação das leis da sociedade, mas uma violação das leis da natureza. Ele é um registro duplo, infração às leis em sua existência mesma. O campo de aparecimento do monstro é, portanto, um domínio que podemos dizer “jurídico-biológico”. Por outro lado, nesse espaço, o monstro aparece como um fenômeno extremo e extremamente raro. Ele é o limite, o ponto de inflexão da lei e é, ao mesmo tempo, a exceção que só se encontra em casos extremos, precisamente. Digamos que o monstro é o que combina o impossível com o proibido.

Foucault segue correlacionando monstruosidade e criminalidade, mas o que mais nos interessa é que o próprio Foucault fala na eclosão da figura do “monstro moral” na literatura, “com o romance gótico, no fim do século XVIII”. (Foucault, 2010, p. 64).

O aparecimento dos monstros morais na literatura do fim do século XVIII até o final do século XIX não apenas confirma a tese foucaultiana que a moral vitoriana não foi construída apenas por meio da proibição, mas também e principalmente através da sua colocação em discurso. Controla-se ao se fazer falar, ao se categorizar através dos discursos.

Sobre a relação entre o monstro e a lei, Foucault (2010, p. 48) esclarece que “de fato, o monstro contradiz a lei”, mas que ela não tem resposta para ele. Com isso,

Ele é a infração, e a infração levada a seu ponto máximo. E, no entanto, mesmo sendo a infração (infração de certo modo no estado bruto), ele não deflagra, da parte da lei, uma resposta que seria uma resposta legal. Podemos dizer que o que faz a força e a capacidade de inquietação do monstro é que, ao mesmo tempo que viola a lei, a deixa sem voz. Ele arma uma arapuca para a lei que está infringindo. No fundo, o que o monstro suscita, no mesmo momento em que, por sua existência, ele viola a lei, não é a resposta da lei, mas outra coisa bem diferente. Será a violência, será a vontade de supressão pura e simples, ou serão os cuidados médicos, ou será a piedade. Mas não é a lei mesma que responde a esse ataque que, no entanto, a existência do monstro representa contra ela. (Foucault, 2010, p. 48)

A lei tenta corrigir os indivíduos que são anormais, todavia se vê impotente e muda diante do monstro, que é “o grande modelo de todas as discrepâncias”.

NEOCONSERVADORISMO, NOSFERATU E OUTROS MONSTROS

A metáfora do monstro parece ter ressurgido com força na ficção *mainstream* da atualidade. Os monstros estão sendo reimaginados e isso ocorre precisamente quando vivemos uma onda de neoconservadorismo. Terá esse fenômeno alguma significação? Isto é, se a figura do monstro torna possível encarar a existência daquilo que se deseja, mas que não queremos reconhecer, o que ela tem nos permitido enxergar?

Nos últimos anos, o Ocidente tem lidado com a reemergência do conservadorismo. Esse *neoconservadorismo* exalta as tradições e repudia as mudanças que considera abruptas (Scruton, 2015), além de rejeitar os direitos e mecanismos correlatos voltados a garantir a igualdade substancial das minorias.

Os neoconservadores são loquazes sobre os objetos de sua repulsa e de seus medos. Defendem o fim do aborto mesmo em caso de estupro, assumem-se homofóbicos, chegando o próprio ex-Presidente da República Federativa do Brasil a postar e criticar um vídeo com *golden shower* nas redes sociais. Assim como na Época Vitoriana, tenta-se controlar a

sexualidade, colocando-a frequentemente em discurso, categorizando as sexualidades normais e as anormais.

Curiosamente, nesse contexto, tem ressurgido a ficção de monstros. Retrato disso são duas recentes adaptações das obras aqui trabalhadas. Guilherme Del Toro está trabalhando em uma adaptação de *Frankenstein* para a Netflix, ao passo que Drácula, disfarçado de Nosferatu⁵, ganhou uma nova adaptação em 2024, por Robert Eggers.

Focaremos em Nosferatu, por razões óbvias: o novo Frankenstein ainda está sendo criado.

A obra de Eggers chama atenção pela monstruosidade excessiva do Conde Orlok que, inclusive, pouco esconde este seu lado abjeto. Logo que o conhecemos por meio do marido de Ellen Hutter, já notamos a violência e a monstruosidade, as quais ele impõe sobre Thomas Hutter, aprisionando-o em seu castelo e se alimentando dele.

Enquanto planeja sua viagem, o Conde se apodera da alma de Ellen através de possessões, comunicando-a que ele está chegando e que não haverá como resistir. Ela grita, pede ajuda, diz se arrepender de um dia tê-lo chamado. Não adianta.

Quando o Conde finalmente chega à cidade de Hellen, desembarca trazendo a praga. Inúmeros ratos que se espalham pela cidade infectando todos com uma morte iminente. Enquanto Hellen resiste ao chamado de Nosferatu, ele toma tudo que é seu. Enfraquece o seu marido, assassina sua melhor amiga e as filhas gêmeas infantis dela, alastra-se pela cidade sem hesitação.

Este Nosferatu não se sente mais na obrigação de seduzir Hellen, ele se impõe só porque há muitos anos ela o chamou. Nesta adaptação, a sinfonia de horror atinge a todos, independentemente de os alvos se sentirem seduzidos ou terem qualquer relação com Hellen – além do fato de que moram na mesma cidade que ela.

⁵ É consabido que Nosferatu é uma versão não autorizada de Drácula.

Nessa linha, se os monstros são metáforas dos nossos medos/desejos, o medo hoje parece ser muito maior do que o medo da morte, do fim do “eu” ou do “eu moral”, isto é, de cair em tentação, de transformar-se em um anormal. O Drácula/Nosferatu de Eggers é uma ameaça não apenas à sexualidade normal ou uma representação dos temores do fim de um período, mas uma ameaça do fim de tudo, da proximidade fim do mundo – ao menos como o conhecemos.

Ao mesmo tempo, Hellen é uma vítima diferente das demais que estiveram presentes nas tantas adaptações de Drácula e de Nosferatu, assim como daquela existente no próprio romance de Bram Stoker. Na juventude, Hellen convida o monstro a lhe fazer companhia, a satisfazer seus desejos, a salvá-la da solidão. Não é uma vítima passiva. Culpa-se pelo convite feito no passado, mas aceita a sua responsabilidade de enfrentar o monstro. No final das contas, contudo, Hellen não tem como escapar dos seus próprios desejos de eros e thanatos, realiza-se sexualmente e é aniquilada ao mesmo tempo.

Noutro norte, existem semelhanças inegáveis. O Nosferatu de Eggers não seduz, violenta, toma e impõe, revelando essa sensação de impotência em relação ao mundo, ao futuro da natureza e ao que será de nós nesse mundo em franca decadência.

Outra semelhança é que o monstro não está apenas perto de nós, como nos romances vitorianos, mas dentro de nós. É a natureza de Hellen que chama o monstro, não suas vidas passadas ou as necessidades do próprio monstro. Aquilo que tememos está mais próximo que nunca.

Ademais, Lucy e Hellen sucumbem ao desejo monstruoso e... morrem. Ainda temos dificuldade de imaginar uma conciliação possível com o desejo anormal, ainda representamos os desejos anormais como uma possessão, recusando-nos a enxergar que eles podem fazer parte de nós. Ainda temos medo, pavor, do desconhecido, embora saibamos que sempre desconhecemos uma parte de nós mesmos, como já antevira Freud há mais de um século.

CONCLUSÃO

Ao longo desse trabalho, foi possível observar que os monstros representam os medos e os desejos presentes em cada época. Não obstante, é só através da metáfora do monstro que conseguimos enxergar os medos e desejos que são dolorosos demais para ser encarados.

Na época vitoriana, os medos e desejos rondavam sobremaneira a sexualidade, que à época passou a ser categorizada como normal ou anormal, permitindo a categorização dos sujeitos. O monstro, nessa época, representava o total descontrole das pulsões de eros e de thanatos, a total falta de sublimação. Falou-se muito sobre sexualidade na época vitoriana para controlá-la e isso incluiu a ficção de monstros do século XIX. Já nesse período, os monstros representavam a máxima infração à lei, mas ao mesmo tempo que o monstro inegavelmente violava a lei, ela não tinha uma resposta para ele.

Finalmente, traçou-se um breve paralelo entre a colocação dos medos em discurso na época vitoriana e no neoconservadorismo contemporâneo, apenas para compreender o ressurgimento da ficção de monstros. Em relação a este tipo de ficção, optou-se pela análise de *Nosferatu* de Eggers, especialmente considerando as alterações que Eggers fez no enredo, adaptando-o, de certa forma, ao nosso tempo.

A criatura eggeriana revelou que o nosso medo hoje reside muito mais na degenerescência do mundo como um todo do que apenas na degenerescência da moralidade individual, no sucumbir do “eu” às pulsões de eros e thanatos, bem como que os nossos medos parecem estão muito mais próximos e nos parecem cada vez mais inescapáveis.

Importante pontuar que o desejo e o medo provavelmente seguem intoleráveis porque seguimos nos recusando a vê-los como uma parte inevitável de nós. O desejo e o medo, por mais horríveis que sejam, nos habitam. Nesse sentido, *O médico e o monstro: O estranho caso de Dr. Jekyll e Sr. Hyde* (1886) de Robert Louis Stevenson, que parece ser a

obra mais esquecida dentre as listadas, evidencia aquilo com que ainda temos dificuldade de lidar: há algo de monstruoso em nós. Enquanto isso, a metáfora do monstro segue essencial para expressar nosso conteúdo inconsciente e, ao mesmo tempo, escondê-lo e, principalmente, para que evitemos lidar com os nossos medos e desejos.

Desta feita, se é possível afirmar que a obra de Eggers revela que seguimos com medo da sexualidade anormal e que cresce o medo do fim do mundo (que será causado por nós mesmos), é igualmente possível afirmar que a lei continua muda e inerte diante dos horrores que parecem se avizinhar. De todo modo, parece difícil criar uma lei para lidar com medos que não conseguimos ainda sequer encarar sem logo afastar o olhar.

REFERÊNCIAS

BRIEFEL, Aviva. *The Victorian Literature of Fear*. Literature Compass, Blackwell – Inglaterra, v. 04, n. 02, 2007, pp. 508 – 523.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 96.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1: a vontade de saber*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014, p. 175.

_____. *Os anormais: curso no Collège de France (1974 – 1975)*. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p. 330.

HOBBS DE MALMESBURY, Thomas. *Leviatã: ou Matéria, forma e poder de um Estado 140 eclesiástico e civil*. Tradução: Daniel Moreira Miranda. São Paulo: EDIPRO, 2015.

MORETTI, Franco. *Signs Taken for Wonders: Essays in the Sociology of Literary Forms*. Tradução: Susan Fischer, David Forgacs and David Miller. London: Verso, 1997, p. 314.

NOSFERATU. Direção: Robert Eggers, 2025. Estados Unidos: Universal Studios, 2024. Filme, 132 minutos.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein: ou o Prometeu moderno*. Tradução: Santiago Nazarian. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 310.

STEVENSON, Robert. *O Médico e o Monstro: O estranho caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde*. São Paulo: Maquinaria Editorial, 2024, p. 224.

STOKER, Bram. *Drácula*. Tradução: Marcia Heloisa. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2018, p. 576.

TAXI, Ricardo Araújo Dib. Kafka e o elemento mítico da lei moderna: Um estudo a partir da leitura de Peter Fitzpatrick. *Anamorphosis* – Revista Internacional de Direito e Literatura, v. 4, n. 1, p. 139-157, jan.-jun. 2018. Doi: <http://dx.doi.org/10.21119/anamps.41.139-157>.